

Exame de Inglês do 9.º ano está marcado para abril

Teste elaborado pela Universidade de Cambridge avaliará compreensão da leitura, expressão escrita e produção oral. A prova é obrigatória para os alunos do 9.º ano e facultativa para os estudantes do 6.º ao 12.º anos. O exame é bem-vindo, mas a avaliação da componente oral suscita reparos.

 Sara R. Oliveira

 05-02-2014

 Gosto 177

 Tweet 4

 Partilhar 5



a a

 comunidade

 comentar

 imprimir

O projeto Key for Schools foi apresentado no ano passado como um teste de língua inglesa para avaliar a compreensão da leitura e expressão escrita, compreensão e produção oral, dos alunos do 9.º ano de escolaridade. Trata-se de uma prova concebida pelo Cambridge English Language, da Universidade de Cambridge, obrigatória para todos os alunos do 9.º ano do ensino público, particular e cooperativo. É facultativa para os restantes estudantes, do 6.º ao 12.º anos, que têm de tratar da inscrição se quiserem obter um certificado do seu nível de proficiência linguística. O certificado custa 25 euros. Os alunos do 9.º

ano têm de realizar o exame e podem, adicionalmente, inscrever-se para obter o certificado. Os 25 euros são reduzidos para metade para os estudantes abrangidos pela Ação Social Escolar. Para os que estão no escalão A, ou equivalente, a prova é gratuita. As receitas que possam ser geradas serão integralmente afetadas a projetos de âmbito educacional. O teste avaliará conhecimentos e capacidades dos alunos, permitirá obter informações sobre a qualidade da aprendizagem realizada e, nesse sentido, agir no sentido de criar as condições para uma progressiva elevação do nível de proficiência da língua inglesa dos alunos portugueses. A prova será dividida em duas fases. A parte escrita está marcada para 30 de abril, das 14h00 às 15h45. Durará 1h10. Haverá um intervalo de cinco minutos, e a compreensão oral será feita em 30 minutos. A componente da oralidade decorrerá entre 10 de março e 16 de maio com um momento de conservação em pares, que durará entre oito e dez minutos.

O teste está desenhado para avaliar a compreensão da mensagem que se pretende transmitir em Inglês, a preparação para colocar as palavras certas em frases feitas, a escolha das opções certas, a elaboração e compreensão de textos curtos, a desenvoltura em falar Inglês com os colegas, a perceção dos assuntos abordados por uma voz que fala em Inglês sobre temas que, por exemplo, se podem centrar nos dias da semana, em locais para conhecer, no tempo que faz.

A prova dará informação quantitativa e qualitativa. A parte escrita vale 50%, a compreensão oral 25% e a conversação mais 25%. Os resultados serão afixados nas escolas, mas ainda não há data definida para essa divulgação. O projeto tem um site, www.keyforschools.iave.pt, no qual será disponibilizado, entre 12 e 24 de fevereiro, o formulário de inscrição para obtenção do certificado. O site explica a essência do projeto e sugere algum material de apoio para que os alunos se possam preparar para a prova.

A aplicação do teste envolve obviamente professores da disciplina que têm à disposição programas de formação ministrados pelo Cambridge English Language Assessment. "Estes programas, que incluem a necessária certificação de todos os professores que irão classificar a componente escrita e a componente oral do teste, constituem uma oportunidade para o desenvolvimento profissional destes docentes", destaca o Instituto de Avaliação Educativa (IAVE), responsável pelo projeto.

O IAVE salienta, em comunicado, as vantagens desta prova - que conta com o apoio da Porto Editora, do BPI, da Connexall, da Fundação Bissaya Barreto e da Novabase. "A sua aplicação constitui uma oportunidade para comprovar a aprendizagem de uma segunda língua, fator essencial no desenvolvimento cognitivo de cada criança e jovem, e constitui um contributo para a revalorização, nas escolas portuguesas, do papel da comunicação oral em contexto de avaliação externa à escala nacional, vertente essencial no processo de aprendizagem das línguas estrangeiras".

O projeto pretende, a médio prazo, contribuir para a certificação generalizada da população no uso do inglês. "Para cada aluno e sua família, e também para a economia do nosso país, a vantagem competitiva que resulta de podermos dispor de uma população com qualificação certificada no uso do inglês, já considerada a língua franca universal, é uma mais-valia que é fundamental reconhecer e acarinhar". No final do ano passado, o projeto foi apresentado em várias escolas do país.

Uma nova forma de avaliar

Dominar o inglês é, de facto, uma mais-valia não só em termos educacionais, mas também para a própria competitividade do país. O Ministério da Educação e Ciência (MEC) tem manifestado vontade para que a disciplina entre, em breve, na parte curricular do 1.º ciclo do ensino básico, deixando assim de constar como uma das opções das atividades extracurriculares. O Conselho Nacional de Educação (CNE) foi chamado a pronunciar-se sobre o assunto e emitiu um parecer favorável a essa pretensão, recomendando que o ensino do Inglês deve ser feito a partir do 3.º ano do 1.º ciclo.

Os sinais que o MEC tem vindo a dar são bem-vindos para a Associação Portuguesa de Professores de Inglês (APPI). E quanto mais cedo, melhor. Se a disciplina se tornar obrigatória no 1.º ciclo, como tudo indica, a APPI lembra que será necessário mudar programas e alterar metas curriculares. Quanto ao teste que se segue, e que está de acordo com o Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas, Isabel Brites, da APPI, adianta que o conteúdo da prova, pelos exemplos que têm sido apresentados, é acessível. A questão de fundo está, em seu entender, na componente da oralidade. Nesta área, os alunos poderão não estar à vontade. "Os alunos não estão habituados a esta tipologia de atividades." "Na oralidade, os alunos não são testados em termos de speaking, não há tradição de avaliar o speaking até ao 9.º ano", especifica.

Alberto Gaspar, presidente da APPI, partilha essa preocupação. "Não tem havido oportunidades suficientes para introduzir a componente de speaking", reforça. O aumento do número de alunos por turma e apenas 90 minutos por semana dedicados à disciplina são, na sua perspetiva, os principais obstáculos.

O teste elaborado pela Universidade de Cambridge é bem recebido, até porque o nome e experiência de Cambridge significam prestígio. No entanto, além da componente da oralidade, os reparos centram-se no pouco tempo dado aos professores da disciplina para se prepararem para este teste. Em breve, os docentes avaliadores serão contactados para se acertarem pormenores. Mesmo assim, para Isabel Brites, o tempo será curto. "Com o número de horas alocadas ao Inglês, os professores não podem fazer milagres", refere ao EDUCARE.PT. Alberto Gaspar também não coloca em causa o teste, que até gostaria que fosse alargado a outros níveis de ensino, mas questiona a forma "brusca" como está a ser aplicado e que está a provocar alguma inquietação nos professores. De qualquer forma, a previsível alteração à maneira como os professores vão avaliar, precisamente pela parte da oralidade, é entendido como um aspeto positivo.

Informações:

www.keyforschools.iave.pt

a a



comunidade



comentar



imprimir